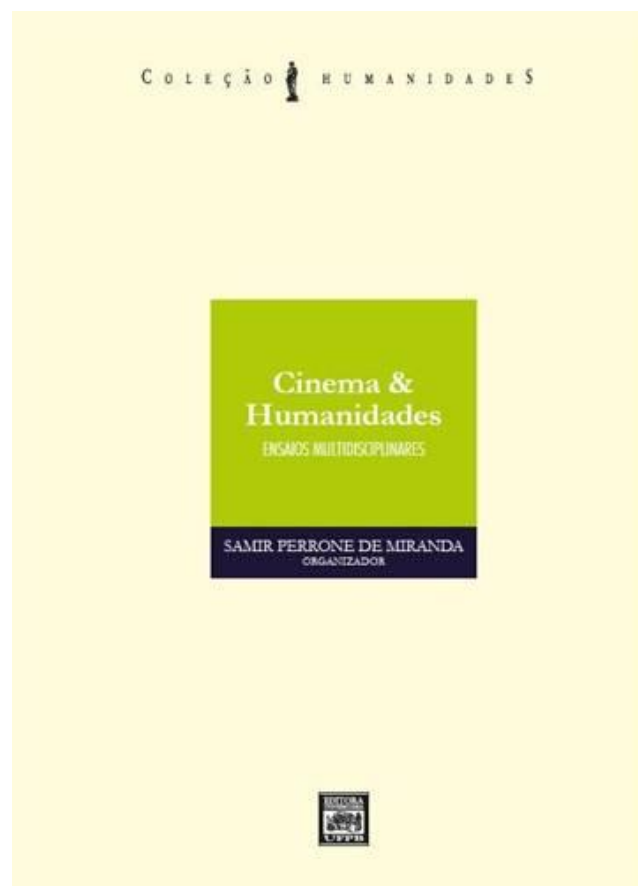


Recensões

Em *Cinema & Humanidades*, exercícios de aproximação entre o cinema e outros campos do conhecimento

Alice Fátima Martins¹



Miranda, Samir Perrone de (org.). 2013. *Cinema & Humanidades: Ensaios multidisciplinares*. Coleção Humanidades. João Pessoa: Editora da UFPB. 256 pp.

O livro *Cinema & Humanidades: ensaios multidisciplinares* resulta de discussões desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão Ciclos Temáticos de Cinema, na Universidade Federal da Paraíba, coordenado pelo professor Samir Perrone de Miranda, que também organiza a publicação. Na apresentação, ele explica que pretendeu

¹ Faculdade de Artes Visuais/Universidade Federal de Goiás, CEP 74690-900 Goiânia, Goiás, Brasil.

valorizar a linguagem cinematográfica no âmbito das Ciências Humanas, “aliando tal recurso de mídia à formação acadêmica” (p. 9). A publicação do livro busca ampliar, portanto, o alcance do debate proposto pelo projeto de extensão.

No tocante aos estudos sobre cinema, ressaltam-se dois traços: a) a proposta de, a partir de reflexões oriundas de áreas diversas, estabelecer conexões com o cinema, por meio de diferentes temáticas e demarcações teóricas, buscando verificar de que maneira essa relação pode potencializar as aprendizagens e a produção de conhecimento no âmbito das Ciências Humanas; b) a natureza multidisciplinar da publicação, nos conteúdos abordados a partir de um conjunto diversificado de filmes, bem como no tocante à orientação epistemológica, na natureza das relações estabelecidas entre as diferentes áreas de conhecimento com o campo do cinema.

É de se considerar que a referência, anunciada no título, à abordagem multidisciplinar faz jus ao modo como o livro está organizado e como os temas são desenvolvidos. Diferentemente das abordagens interdisciplinares (que supõem uma relação de paridade entre dois ou mais campos, no trato de questões comuns), ou das abordagens transdisciplinares (que partem de temáticas amplas cujas abordagens requerem miradas desde diversos campos de conhecimento), a abordagem multidisciplinar supõe a discussão de temáticas a partir de múltiplos pontos de vista, sem que, necessariamente, ocorram intersecções. Assim, o livro reúne 19 ensaios, assinados por 20 docentes cujos perfis de formação e atuação inserem-se nos campos da Sociologia, História, Antropologia, Serviço Social, Psicologia, Ciência Política e Relações Internacionais. Em sua maioria, os autores atuam na Universidade Federal da Paraíba, com participação também de professores vinculados à Universidade Estadual da Paraíba e do Instituto Federal da Paraíba. Cada qual discute, a partir do filme em questão, uma temática relativa à sua área de estudo e interesse específico. No total, o livro faz referência a 16 filmes. Destes, três são analisados em dois textos, cada qual. No entanto, não há interlocução entre as diversas abordagens, sequer entre os textos que tratam do mesmo trabalho fílmico.

Em sua maioria, os autores reportam-se à narrativa do filme, ou a certos recortes da narrativa, em detrimento dos aspectos da linguagem fílmica em sua complexidade. São evocados os fatos contados e não os modos como são contados ou articulados, em termos de linguagem. Ou seja, prevalecem as abordagens que buscam, nos filmes, fatos a serem analisados, desde demarcações teóricas e conceituais caras a cada área de conhecimento, desde territórios localizados fora do campo do cinema. Nesses termos, é compreensível que vários autores se refiram a filmes, ou sequências, ou cenas, como capazes de “retratar” de modo competente questões sociais, políticas, históricas.

O cinema ainda é percebido, no senso comum, como uma janela aberta para alguma realidade, e não como discurso articulado desde certo ponto de vista: um discurso que transborda do texto escrito, e

cujos sentidos são construídos por meio de imagens em movimento e sonorizadas, o que implica escolhas formais, estéticas, além de uma visão de mundo com assinatura de autoria.

Não será, portanto, acidental a recorrência da expressão “usar o cinema” com o fim de se discutir algum tema, ou mesmo a compreensão do cinema como um recurso midiático para a formação acadêmica humanística mais ampla. Talvez, por isso mesmo, nenhuma das referências bibliográficas inclua as informações relativas ao filme discutido em cada ensaio, conforme estabelecem as normas relativamente a textos, fotografias, materiais audiovisuais e outras fontes citadas. Em alguns dos ensaios, o autor se reporta apenas ao nome do filme em questão, sem informar os créditos.

No tocante às temáticas tratadas nos vários capítulos, nesta recensão foram agrupadas de acordo com o campo de conhecimento ao qual cada autor é filiado. Essa categorização não corresponde à organização do livro, funcionando tão somente como uma estratégia de análise do conjunto do livro.

O primeiro texto, ancorado no campo da Ciência Política, é assinado pelo próprio organizador do texto. Temas tais como participação política, a inclusão na diversidade, as instituições e a cultura política na democracia, e as relações entre tradição religiosa e a condição feminina no Irã, são pautados pelo filme *O voto é secreto*, de Babak Payami, cineasta iraniano radicado no Canadá. Com o mesmo alinhamento em termos do campo de conhecimento, o texto assinado por Gilvanildo Oliveira Avelino discute, a partir do filme *Manderlay*, dirigido por Lars Von Trier, os modos como os discursos e as ações deflagradas com base em discursos em defesa dos projetos democráticos e humanistas podem redundar em relações autoritárias e ditatoriais. Segue-se o texto que aborda a recente história latino-americana, particularmente a chilena, e seu cenário político, a partir do filme “Chove sobre Santiago”. O autor, Rodrigo Freire de Carvalho e Silva, destaca a importância e beleza do filme, embora ressalte, ainda, sua parcialidade no projeto de “transformar em mito o que era apenas história (...)” (p. 172).

Mantendo entre si alguma afinidade na abordagem, encontram-se dois textos cujo pano de fundo busca fundamentos nas Relações Internacionais. O primeiro, de Thiago Lima da Silva, propõe discutir alguns elementos das relações entre Estado, empresas e sistema internacional, a partir do filme *O jardineiro fiel*, de Fernando Meirelles. O segundo texto, escrito por Sílvia Garcia Nogueira, trata de questões como resistência, morte e emancipação, numa abordagem breve do filme *Casamento silencioso*, dirigido por Horatiu Malaele. O mesmo filme é analisado, também, por Tiago Bernardon de Oliveira, cujo texto é balizado pelas demarcações teóricas da História Contemporânea. Nele, o autor relaciona os aspectos formais e estéticos do filme com os temas por ele abordados, e elege discutir as formas de resistência e os limites da tolerância no enfrentamento de formas de dominação. Elio Chaves Flores, do mesmo modo historiador, escolhe o filme *Invictus*, dirigido por Clint Eastwood, para trazer ao

debate as narrativas construídas por Hollywood sobre África. O autor transita entre a dinâmica do filme, as cenas, seus ritmos, e a história sobre como Nelson Mandela, então eleito presidente, encontrou no *rugby* um aliado para seu projeto de pacificação na África do Sul. Na conclusão, o autor questiona se a África negra precisa de Hollywood.

A História também orienta a abordagem feita por Daniela Oliveira Silveira para o filme *Uma vida iluminada*, de Liev Schreiber. Ela atém-se aos capítulos nos quais o filme se organiza, tratando cada qual como “uma metáfora da construção do conhecimento histórico” (p. 205). Busca, a autora, demonstrar que o presente só pode ser compreendido a partir do passado. O mesmo filme é discutido, em outro texto, pelo viés sociológico. Nele, a autora, Simone Magalhães Brito, propõe abordar o “problema da moral vivido por sobreviventes de grandes tragédias” (p. 194). Ainda no campo da Sociologia, Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi analisa o filme *Um estranho no ninho*, de Milos Forman, numa discussão sobre a natureza autoritária das instituições psiquiátricas manicomiais, como precursoras das instituições modernas. De formação igualmente na sociologia, Antonio Giovanni Boaes Gonçalves analisa o filme de produção franco-brasileira *Madame Satã*, dirigido por Karim Aïnouz. Não se trata de um documentário, nem de um filme histórico: trata-se de uma obra de ficção. O autor se debruça sobre os limites entre história e ficção, problematizando os dados que alimentam a narrativa. Avançando nas abordagens sociológicas, Aécio Amaral considera, em *Amnésia*, filme dirigido por Christopher Nolan, o potencial “ilustrativo das questões culturais suscitadas pela pervasividade das tecnologias de informação e comunicação” (p. 177) no cotidiano. O último texto de orientação sociológica, assinado por Adriano Azevedo Gomes de León, reporta o filme *Transamérica*, um *road movie* assinado por Duncan Tucker. Nele, o autor discute a figura do pai como uma criação tipicamente moderna. O mesmo filme é discutido por Eugênia Correia Krutzen, na perspectiva psicológica, ao problematizar a questão da felicidade, questão situada pouco além dos dilemas relativos à anatomia, vividos pela personagem transexual.

Na coletânea, o texto assinado por Ednalva Maciel Neves e Flávia Ferreira Pires inaugura o grupo de abordagens filmicas orientadas pela Antropologia, numa discussão proposta a partir do filme *A encantadora de baleias*, dirigido por Niki Caro (bem a propósito, é o único filme, dentre os analisados, dirigido por uma mulher). Baseadas no trabalho desenvolvido com o filme, junto a estudantes, as autoras propõem uma discussão sobre identidade e diferença. Exploram, também, a dimensão simbólica da cultura, por meio da noção de *mito originário*, no qual se fundamenta a narrativa. O segundo texto de alinhamento antropológico aborda o filme *Thelma e Louise*, dirigido por Ridley Scott. A autora, Mônica Lourdes Franch Gutiérrez, ocupa-se, em sua análise, das relações de gênero, trazendo à pauta a polêmica, provocada aquando do seu lançamento, sobre se o filme teria ou não uma abordagem feminista. Segue-se o ensaio de Alicia Ferreira Gonçalves, sobre o filme *O corte*, de Costa Gravas. A temática desenvolvida privilegia as questões da corrosão do caráter

no capitalismo contemporâneo. A seu turno, Maria Patrícia Lopes Godfarb dedica-se a tratar de questões relativas a raça, racismo e conflitos étnicos, a partir do filme *Hotel Ruanda*, de Terry George. Pensando numa possível humanidade “retratada” pelo filme, a autora argumenta que o filme mostra uma prática de limpeza étnica, nos conflitos ocorridos em Ruanda.

Maria Aparecida Ramos de Meneses é a única representante da área do Serviço Social, e propõe uma abordagem brevíssima sobre a obra do cineasta brasileiro Sérgio Bianchi, argumentando uma gramática cinematográfica própria em sua obra. Diferentemente dos demais, ela não se detém em apenas um filme, mas abarca vários títulos do diretor.

Assim constitui-se o painel múltiplo em que são feitas aproximações ao cinema, desde distintos campos filiados às Humanidades, e suas temáticas de interesse. Os filmes em questão funcionam como disparadores e também como contexto para as discussões propostas pelos autores. Numa visão geral, ressalta-se o caráter heterogêneo nos níveis de aprofundamento das questões em pauta: em alguns casos, a discussão é aligeirada; noutros, a ênfase recai sobre as categorias conceituais e teses defendidas pelos autores; finalmente, há alguns textos cujos autores desenvolvem, de modo mais consistente, as questões propostas, em diálogo com os títulos fílmicos escolhidos.

Contudo, no tocante à orientação metodológica, as análises recaem, preferencialmente, sobre as narrativas. Ou seja: os autores privilegiam a história contada, deixando em segundo plano as especificidades da linguagem cinematográfica, que envolve elementos visuais, sonoros, movimento, temporalidades, recursos tecnológicos em efeitos especiais, constituindo uma gramática atrelada a uma concepção estética próprias. É possível, então, pensar que, nos textos, a narrativa fílmica é reduzida à condição de argumento para ilustrar questões alheias ao campo do cinema. Esse modo de inclusão do cinema como mídia, ou recurso pedagógico, é também recorrente quando se tem em pauta as relações entre cinema e educação escolar: filmes são “usados” para ilustrar conteúdos curriculares diversos.

Por certo o livro traz uma contribuição importante para os cursos envolvidos, oferecendo subsídios para o aprofundamento dos temas escolhidos. Do mesmo modo, o esforço relativo ao projeto de extensão do qual ele resulta é digno de nota, porquanto propicie espaços de encontro e debates em torno a temáticas atuais, relevantes, ao mesmo tempo que propicia a ampliação na formação de repertórios fílmicos junto à comunidade acadêmica. No entanto, no tocante aos estudos do cinema em suas particularidades, as contribuições podem ser consideradas um tanto acanhadas. A relação entre o campo do cinema e os demais campos resulta um tanto assimétrica, no tocante ao aprofundamento das abordagens feitas.